

DIALOGOS EM GRUPOS DE WHATSAPP: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA INTERAÇÃO TEXTO-SUJEITOS

Maria do Carmo Almeida de Oliveira

(Profletras – UEPB, maria.almeida.professora@gmail.com)

Resumo: A informação difundida socialmente está cada vez mais não-linear, ou seja, por meio dos jornais, das enciclopédias e outros impressos, várias informações são transmitidas ao mesmo tempo, em um mesmo suporte, o que modifica o modo de ler das pessoas, tornando-o mais diversificado. Com a chegada do computador e da internet, a interação com o texto ocorre de forma ainda mais variada e dinâmica, e a leitura, por conseguinte, também se modifica. Desse modo, surgem a cada dia novas mídias sociais, as quais oportunizam não apenas uma mera comunicação, mas a interação entre os sujeitos dessa comunicação, muitas vezes em tempo real – como o caso dos chats de bate-papo ou aplicativo *WhatsApp*, que será o foco neste trabalho. Portanto, este trabalho, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, objetiva analisar qualitativamente as interações sociais por meio da ferramenta *WhatsApp*, em três grupos com objetivos distintos, um familiar, outro escolar e um terceiro com fins comerciais (venda de produtos), na tentativa de identificar como a linguagem se adapta a essa nova rede de interação social e de que forma os sujeitos participantes dos grupos interagem entre si através dos textos diversos ali presentes. Para tanto, utilizaremos as noções de dialogismo de Bakhtin (1995) e as concepções de linguagem traçadas por Koch e Elias (2017) para traçar um panorama sobre as diferentes linguagens (e concepções de leitura) presentes nos grupos analisados, as variantes linguísticas utilizadas e outros meios empregados para garantir a interação entre os seus membros.

Palavras-chave: Linguagem. Leitura. Redes sociais. *WhatsApp*.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita em suportes digitais se apoiam em hábitos que não são novos, mas evoluem de acordo com a situação sociocultural de cada época histórica. Observa-se, hodiernamente, uma grande revolução na área das comunicações, proporcionada pelo avanço das tecnologias e mídias sociais. Se as cartas escritas foram o único meio de comunicação utilizado durante séculos (desde a Idade Antiga até a invenção do telefone no final do século XIX e dos aparelhos celulares em meados do século XX), hoje se percebem alterações diárias nas formas de se comunicar. A atualidade fornece inovações técnicas que, além de permitirem o acesso à informação instantânea – com a chegada da Internet no final do século XX –, também proporcionam aos leitores e escritores a escolha de que suporte lhe é mais agradável, podendo ele decidir entre o suporte digital e o convencional de papel.

Com a chegada do computador e da internet, a interação com o texto ocorre de forma ainda mais variada e dinâmica, e a leitura, por conseguinte, também se modifica. Isso justifica o fato de que para cada suporte há um modo diferente de ler e de escrever, o que não significa

que um será melhor do que o outro, mas se observa que cada um é a explicitação de um momento cultural, presente na realidade de cada um.

De fato, apesar de surgirem novos gêneros textuais e novos suportes, a essência da escrita e da leitura, que é proporcionar algum tipo de interação, se preserva intacta. E isso é o mais importante. De acordo com Marcuschi (*apud* DIONISIO, 2007, p. 21), a tecnologia “favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas [...] o *e-mail* (correio eletrônico) gera mensagens eletrônicas que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores”. Os *chats* passam a simular uma conversa face a face, intermediada pelo aparelho celular ou pelo computador. Salienta-se, então, o caráter renovador da leitura e da escrita, que se adapta aos novos suportes à medida que seus usuários, em suas práticas, fazem uso delas em seus atos sociocomunicativos.

Frente a essas novas formas de interagir socialmente, os sujeitos dialogam de maneiras também inovadoras, a partir das características específicas desse novo modelo de comunicação, entre eles os grupos de *WhatsApp*¹. Mandam-se imagens com frases motivadoras, orações e correntes milagrosas, áudios produzidos ou reproduzidos, assim como mensagens de texto convencionais para um selecionado grupo com algum objetivo em comum. Os usuários desse *software* interagem por meio de linguagens variadas, assim, evidenciando o quanto diversas formas de produzir e de ler são acionadas para que haja a interação.

Diante do exposto, este trabalho objetiva analisar qualitativamente as interações sociais por meio da ferramenta *WhatsApp*, em três grupos com objetivos distintos, um familiar, outro escolar e um terceiro com fins comerciais (venda de produtos), na tentativa de identificar como a linguagem se adapta a essa nova rede de interação social e de que forma os sujeitos participantes dos grupos interagem entre si através dos textos diversos ali presentes. Para tanto, utilizaremos as noções de dialogismo de Bakhtin (1995) e as concepções de linguagem traçadas por Koch e Elias (2017) para traçar um panorama sobre as diferentes linguagens (e respectivas leituras) presentes nos grupos analisados, as variantes linguísticas utilizadas e outros meios empregados para garantir a interação entre os seus membros.

¹ *WhatsApp* é um **software** para **smartphones** utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a *internet*. [...] Entre outras funcionalidades do *WhatsApp* está a criação de grupos de contatos, envio de fotos, vídeos, mensagens de voz, *emoticons* e alterar as mensagens de status. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em 15 set. 2017.

2 A LEITURA E A CRIAÇÃO DE SENTIDOS COM BASE NA INTERAÇÃO

Quando se fala em leitura, majoritariamente surgirão conceitos envolvendo o texto escrito como instrumento principal (se não o único) para que se opere o ato de ler. Sabe-se que a leitura envolve muito mais que isso, contudo é eleito o texto literário canônico (romances clássicos da literatura, contos ou poemas de autores consagrados) como o ideal de um leitor de fato. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, PCN, 1998), quando tratam do tema leitura, dispensam a maioria de suas orientações para o texto escrito. Há a menção também à leitura do texto oral, desde que seja verbal. Não visualizamos alusão à leitura de sons não verbais (como melodias) e de imagens de qualquer tipo (sejam elas um quadro, uma fotografia ou o próprio ambiente em que se encontra).

Para se ler um texto escrito, é necessário antes de tudo saber decodificar a língua empregada. Mas é notável que a leitura não depende apenas disso: precisa-se compreender o que está decodificando para que o ato se realize de forma plena e, para isso, são acionados vários elementos, como os saberes prévios do leitor, a interação com o autor e o texto, o contexto situacional, entre outros. Nesse quesito corrobora Geraldi (2005, p. 67), ao afirmar que “mais do que ver a linguagem como uma capacidade humana de construir sistemas simbólicos, concebe-se a linguagem como uma atividade constitutiva, cujo lócus de realização é a interação verbal”. É essa atividade dialógica que observamos nos grupos de *WhatsApp*, nos quais pessoas com objetivos semelhantes compartilham informações, mensagens e ideias por meio de textos verbais e não verbais, de modo que

a língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se realidade (BAKHTIN, 1995, p. 154).

Assim, nos grupos de *WhatsApp* percebemos essa interação autor-texto-leitor em que múltiplos sentidos se entrecruzam com inúmeras possibilidades de interpretações, sem fixidez de regras superpostas, mas num nível dialógico e produtivo. Essa interação traz em sua essência o diálogo, o qual, como afirma Bakhtin (2013), envolve pelo menos dois sujeitos formadores de um enunciado que nunca estará isento da presença de outras enunciações já proferidas, de forma que *um outro* sempre estará inserido em qualquer texto, mesmo que esse *outro* seja o próprio sujeito produtor em um momento distinto daquele atual. Dessa forma,

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida

da linguagem. Toda linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas (BAKHTIN, 2013, p. 183).

Logo, esse conjunto de vozes que forma o todo do discurso é matéria-prima de toda manifestação linguística, de modo que, para construir significações nas trocas verbais, aqueles enunciados *outros*, presentes ou ausentes na enunciação, são acionados e colaboram para a interação entre os sujeitos.

2.1 Leitura-interação em redes sociais – os grupos de *WhatsApp*

No meio tecnológico-digital existem diversos gêneros textuais circulantes, tais como, o *e-mail*, o *chat*, o *blog*, entre outros. Eles possuem grande utilização e se caracterizam pela agilidade na troca de informações, o que é primordial na sociedade atual. Também é de relevância observar os gêneros digitais a partir de sua relação com a sociedade, a cultura e os propósitos comunicativos do meio virtual. Por isso, é importante que se considere a penetração e o papel da tecnologia na contemporaneidade, bem como as novas formas comunicativas que emergem junto a ela.

Para Almeida (*apud* SILVA, 2003, p. 32), “a forma de comunicação está mudando, e muito. Tem de ser breve, objetiva e começar pelo fim ou conclusão. Só assim, talvez, você capture a atenção do leitor”. Desse modo, para que seu texto seja realmente lido em suporte digital, necessita ser o mais curto e atrativo possível para que o leitor, com muitas informações ao seu redor, não deixe a leitura de lado. Inclusive, “a maioria simplesmente não lê. Seja pelo fato de ter um mundo de informação ao alcance do mouse, seja pelo desconforto da leitura na tela e por esta ser pouco portátil [...] o leitor-navegador é fugidio” (ALMEIDA *apud* SILVA, 2003, p. 34). Ou seja, é a leitura e a escrita que se materializam de acordo com as exigências de rapidez e eficácia da vida contemporânea.

Devido a tantas exigências por rapidez de informação, a linguagem que circula nas redes sociais, como o *WhatsApp*, diferencia-se da linguagem adotada nos textos convencionais em suporte de papel. Esse modo específico de escrever tem a peculiaridade de ser abreviada e de possuir recursos gráficos destinados a retratar com maior ênfase o lado emotivo de quem escreve. Com isso, se ganha tempo e legitima-se o fato de que, no meio virtual, escrever de acordo com a norma culta foge dos padrões escolhidos para tal suporte, que é o de intensificar a agilidade na transmissão de informações.

As abreviações mais comuns, entre tantas que existem nas redes sociais, são *tb* (também), *vc* (você), *pq* (por que), entre outras. Nota-se, portanto, que se privilegiam as consoantes das palavras, porém, sem que haja muita dificuldade para que o interlocutor possa entender a mensagem enviada, dada sua interação no meio virtual. Também são utilizados na linguagem virtual os *emoticons* (ou *emojis*) que expressam os sentimentos daquele que escreve, como tristeza :(, sorriso :) , risada =) , beijo :* ou lágrimas =(, representados também por rostinhos: ☺; ☹.

Sobre essa característica específica dos gêneros virtuais, Possenti (2006, p. 31) afirma que “a grafia não é aleatória”, ou seja, ela não surge do nada, mas retrata fielmente o que se deseja comunicar. Com os *emoticons* e as expressões gráficas acentuais, pode-se sugerir que a conversa virtual deseja se tornar uma réplica de uma conversa face a face. Além disso, com a digitação mais ágil, o usuário da internet tem a possibilidade de se comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo, tornando o hábito de escrever e ler, mesmo que com uma grafia diferenciada, cotidiano.

3 METODOLOGIA

Este trabalho corresponde a uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2002), pode oportunizar-nos uma maior familiaridade com o problema estudado, além de aperfeiçoar ideias e/ou confirmar/excluir intuições cogitadas. O planejamento, neste tipo de pesquisa, possibilita, inclusive, comentários bastante flexíveis, considerando os mais variados aspectos relativos aos fenômenos estudados.

O instrumento de pesquisa escolhidos foram três grupos de *WhatsApp*, denominados a partir de então conforme seu referente principal: Família, Escola e Vendas. No grupo Família há 37 participantes, entre pais, filhos, netos, sobrinhos de um mesmo grupo familiar. O grupo Escola possui 22 participantes – professores e alunos de uma turma; e no de Vendas há o maior número de membros, 58 (proprietária da loja, funcionárias e clientes). É importante destacar que os nomes dos membros dos grupos de *WhatsApp* foram alterados de modo a garantir seu anonimato e preservar sua imagem.

Verificaremos, qualitativamente e embasados na devida teoria, os modos de interação por meio da linguagem utilizados, destacando o caráter dialógico dessa rede social. Para isso, faremos uso de imagens capturadas de alguns momentos de interação nos grupos de *WhatsApp* citados.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nos grupos de *WhatsApp*, os membros são selecionados e ali inseridos por um “administrador”, que é responsável por moderar as publicações e interações no grupo, garantindo que os objetivos pretendidos sejam alcançados. No grupo, cada um produz enunciados socialmente situados, de forma a interagir com os demais participantes de forma dialógica. Geraldi (2006), nesse aspecto nos indica que

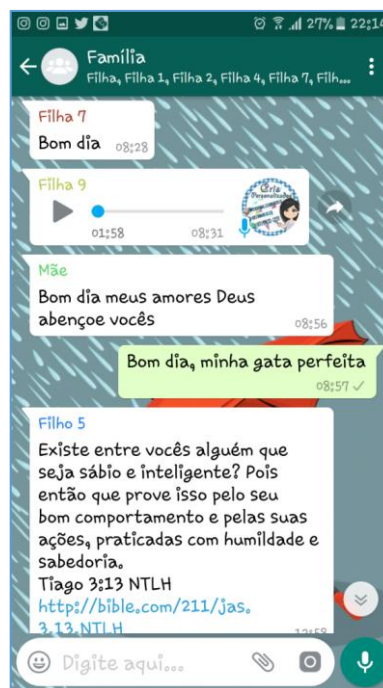
Cada texto é produzido no interior de um processo interlocutivo. Por isso responde aos objetivos desse processo, é marcado pelos sujeitos nele envolvidos e pelas práticas históricas que foram se constituindo ao longo do tempo no interior de cada instituição social (GERALDI, 2006, p.69-70).

Percebemos textos variados nos grupos de *WhatsApp* analisados, como podemos observar nas figuras abaixo:

Figura 1



Figura 2



Na figura 1 visualizamos um *meme*² que se refere a itens de higiene relativos a mulheres e homens, logo abaixo aparece um *emoji*³ com sentimento de descrença, seguido de

² *Meme* é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc. que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em 20 set. 2017.

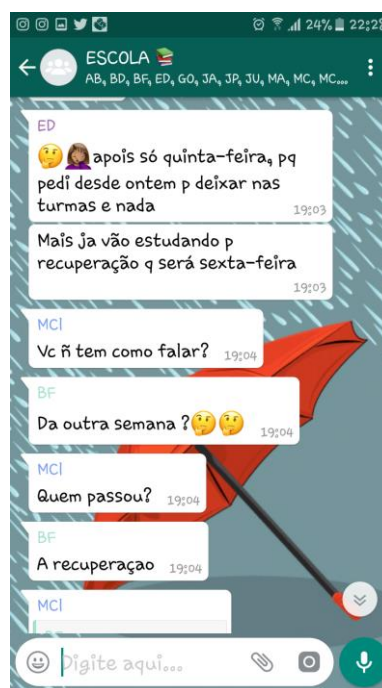
um *kkkkk* que sugere uma risada (elemento característico das redes sociais). Na figura 2, além das mensagens verbais convencionais, como *Bom dia meus amores Deus abençoe vocês*, há a presença de uma mensagem de áudio, enviada pela Filha 9 e também a presença de um *hiperlink* na mensagem bíblica do Filho 5. Dessa forma, em apenas dois recortes do grupo Família podemos observar variadas formas de (re)produção de enunciados, um aspecto comum na interação nessa rede social.

A diversidade de modos de interagir não interfere na construção de sentidos, pelo contrário, garante a ampliação dos níveis de compreensão, visto que os participantes vão se apropriando de diferentes maneiras de ler e escrever. Também é muito comum na interação nos grupo, textos mistos com o objetivo de fazer graça, divertir os participantes. Vejamos:

Figura 3



Figura 4



É interessante observar que o humor da figura 3 é construído não no texto em si, mas na relação dele com vivências do grupo. Nela, os estudantes fazem logo relação do texto com uma aula de matemática ocorrida há pouco, achando engraçada a situação de 37 segundos de aula ainda serem utilizados pela professora. Com esses textos, os participantes vão construindo sentidos para novos enunciados e se divertindo na interação.

³ *Emoji* é uma palavra de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/emoji/>>. Acesso em 20 set. 2017.

Contudo, no grupo Escola, é muito mais comum a presença de avisos e tira-dúvidas, como podemos ver na figuras 4. É interessante também perceber que professores e estudantes utilizam as abreviações próprias das redes sociais (*pq, p, q, vc, ñ*) sem qualquer problema de entendimento, além de não haver tanto monitoramento em relação à ortografia (*apois, mais*). O que está em jogo no momento é a interação e, para isso, valem-se mais uma vez dos *emojis*, além das mensagens verbais. Logo, destaca-se que “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal” (BAKHTIN, 1995).

Esses *emojis*, inclusive, parecem dar conta de responder a todas as mensagens para as quais não se tem ou não se quer dar uma resposta verbal. Ela é muito comum no grupo Vendas, sempre que a proprietária ou alguma funcionária da loja posta alguma propaganda de produto, como podemos vislumbrar nas figuras 5 e 6:

Figura 5



Figura 6



Dessa forma, quando os participantes não se interessam ou não pretendem adquirir as peças, utilizam os *emojis* para responder e garantir a interação de algum modo, como vemos na figura 5. Já na figura 6, além do *emojis*, já se nota um interesse por um produto específico (calça) quando a participante questiona acerca dos tamanhos disponíveis da peça de roupa. Essa última interação é a esperada pela proprietária e pelas funcionárias do estabelecimento,

pois o objetivo do comércio é vender seus produtos, e o grupo no *WhatsApp* foi uma forma encontrada para aproximar os possíveis clientes dos produtos ofertados.

Todavia, em alguns momentos, o grupo “foge” de seu tema principal e adentra em assuntos pouco convencionais a ele, como notaremos nas figuras 7 e 8, a seguir:

Figura 7

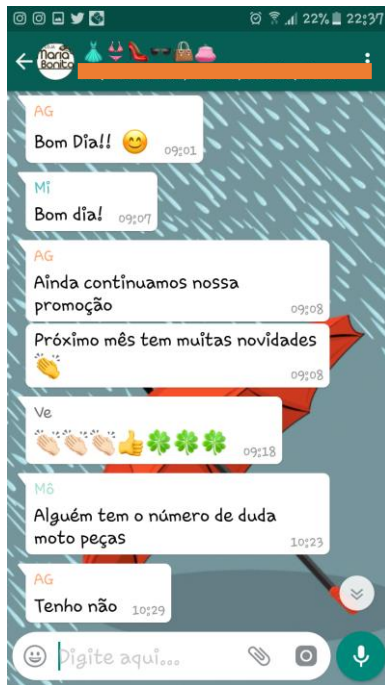
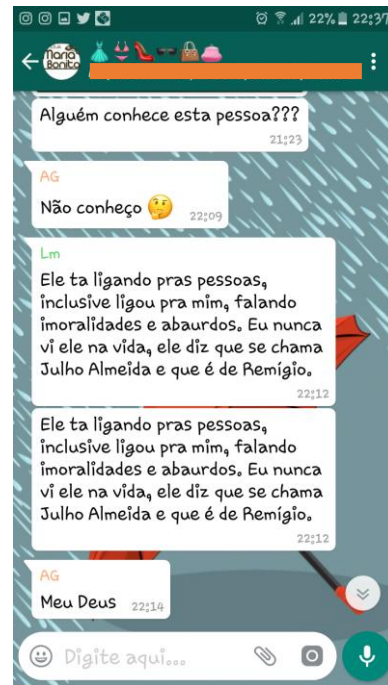


Figura 8



Na figura 7, um tópico diferente do esperado é inserido, quando uma participante pergunta se alguém teria o telefone de Duda moto peças. Já na figura 8, outra participante levanta um assunto estranho ao grupo, ao questionar se alguém conhece a pessoa de determinada foto postada, pois estava telefonando e dizendo imoralidades e absurdos para ela. Como os grupos são espaços em que diversas pessoas encontram-se reunidas, seria a oportunidade de ter resolvidas as questões levantadas. Porém, geralmente as pessoas não dão a devida atenção aos temas que fogem dos pretendidos nesses grupos específicos de vendas e a primeira pessoa que responde, e não de imediato, é a proprietária da loja, pois ela entende perfeitamente que deixar uma provável cliente sem resposta poderia deixá-la chateada ou até mesmo insatisfeita com o estabelecimento. E não se pretende perder compradores.

Por fim, um elemento bastante presente nesses grupos, sobretudo naqueles formados por pessoas mais íntimas, são os implícitos nos textos. Assim observaremos nas figuras 9 e 10:

Figura 9



Figura 10



Um grupo formado por pessoas da mesma família certamente contará com participantes mais próximos e conhecedores das vivências dos outros membros. Na figura 9, por exemplo, a Filha 2 posta uma imagem de um espaço com um carro e a frase interrogativa “Será que passo hoje?”. Logo em seguida a Filha 7 reage com um *emoji* de esperança e a frase “passa sim”. A irmã sabia perfeitamente do que se tratava mesmo sem a primeira ter dito que teste seria esse, visto que dias antes a Filha 2 havia se submetido a um teste de baliza para obtenção de carteira de motorista e não havia passado. A segunda prova, como se vê, também não foi exitosa para ela.

A figura 10 também apresenta um implícito: a Filha 9, às 06h15 da manhã posta uma mensagem de Bom dia otimista. Imediatamente seu irmão, o Filho 5, reage com um *emoji* de aplausos e lança a seguinte pergunta: “Deu formiga no ninho foi?” relacionando-se ao fato de que essa irmã não costuma acordar cedo e algo teria acontecido para que ela já estivesse de pé. Nesse caso, “o texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um ‘tecido’ organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico” (BARROS, 2003, p.1). Assim, com textos situados e carregados de enunciados outros, a interação se constitui por meio de diversas formas de linguagem, tornando o diálogo peça-chave dos grupos de *WhatsApp*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações nos três grupos de *WhatsApp*, percebemos que a interação entre os sujeitos é intermediada por textos de variadas espécies, os quais se valem de linguagem também diversas, como imagens, sons, palavras e símbolos mistos. A maioria dos assuntos discutidos diz respeito ao esperado para aquele grupo específico, por exemplo, o grupo Vendas tem por objetivo principal a comercialização de produtos e os seus membros interagem a fim de obter informações sobre preços, tamanhos das peças, disponibilidade de itens etc. Evidentemente, existem alguns casos em que se insere um tema extra, no entanto, essas ocorrências são também esperadas no interior desses grupos, dada a situação de interação flexível, em que muitas pessoas se comportam informalmente, de forma amistosa. Quando alguém não deseja interagir nos grupos, pode facilmente sair dele, o que ratifica a liberdade em participar dessas conversações.

O mais interessante foi perceber o caráter dialógico/interacional nessas conversações, como, por exemplo, deduzir o assunto em questão por uma imagem apenas, por já saber de antemão do que se tratava (conhecimento prévio) ou a facilitada compreensão da linguagem dos *emojis*, das abreviações e termos próprios da rede. Ou seja, a interação mediada pela linguagem, seja ela verbal ou não verbal, ocorre nos diversos grupos, mesmo que nem todos participem de forma ativa das conversações.

Sabemos que, muitas vezes, a interação através das redes sociais parece substituir as conversas face a face e algumas pessoas passam horas usando seus celulares para interagir com pessoas enquanto pessoas físicas ao seu redor não têm a oportunidade de se aproximar para conversar. Contudo, percebemos que isso faz parte dos novos modos de se relacionar e vem diminuindo muitas distâncias comunicativas, visto que se possibilita estar frente a frente (mediado por uma tela) a alguém que está do outro lado do mundo e não se pode negar que esse avanço é importante para uma (r)evolução nas práticas linguísticas.

O certo é que não se pode negar que nunca se leu e escreveu tanto quanto na era tecnológica. O uso das redes sociais – entre elas o *WhatsApp* – como meio de diversificar as formas de interação e construção de sentidos nos textos vem para corroborar a hipótese de que a língua é instrumento de interação responsável pela constituição dos enunciados e dos próprios sujeitos, pela junção dos dizeres já proferidos e aqueles pressupostos, num constante vai-e-vem de significações e ressignificações que é o diálogo.

6 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal)

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARROS, Daiana L. P. de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Daiana L. P. de; FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo, Edusp, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino**, Exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado da Letras, 2006.

_____. (Org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais & ensino**. / DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

POSSENTI, Sírio. **Você entende internetês?** Revista Língua Portuguesa. Ano 1. nº 02, pp. 2006.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.